

ESTE LIVRO COMPLEMENTA A *TEOLOGIA SISTEMÁTICA* DE WAYNE GRUDEM

TEOLOGIA HISTÓRICA

UMA INTRODUÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA CRISTÃ



GREGG R. ALLISON


VIDA NOVA

Sinto-me grato por Allison ter escrito este livro para ser usado juntamente com minha Teologia sistemática (publicada por Vida Nova) e tenho certeza de que este livro terá grande utilidade como fonte de consulta independente. Tenho o privilégio de recomendar este livro extraordinário para o fortalecimento da igreja em todo o mundo.

WAYNE GRUDEM

SUMÁRIO

<i>Autorizações</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
<i>Agradecimentos</i>	21
<i>Lendo as obras mutuamente complementares de Grudem e Allison para o máximo de benefício</i>	23
<i>Reduções de referências bibliográficas</i>	25
Capítulo 1. Introdução à teologia histórica	29

PRIMEIRA PARTE

A DOCTRINA DA PALAVRA DE DEUS

Capítulo 2. O cânon das Escrituras.....	45
Capítulo 3. A inspiração das Escrituras	71
Capítulo 4. A autoridade das Escrituras	95
Capítulo 5. A inerrância das Escrituras	118
Capítulo 6. A clareza das Escrituras.....	143
Capítulo 7. A suficiência e necessidade das Escrituras	169
Capítulo 8. A interpretação das Escrituras	193

SEGUNDA PARTE

A DOCTRINA DE DEUS

Capítulo 9. A existência e a cognoscibilidade de Deus.....	223
Capítulo 10. O caráter de Deus.....	250
Capítulo 11. Deus em três pessoas: a Trindade.....	276
Capítulo 12. A criação	302
Capítulo 13. Providência.....	329
Capítulo 14. Anjos, Satanás e demônios	355

TERCEIRA PARTE

A DOCTRINA DA HUMANIDADE

Capítulo 15. A criação e a natureza da humanidade	383
Capítulo 16. Pecado	410

QUARTA PARTE

AS DOCTRINAS DE CRISTO E DO ESPÍRITO SANTO

Capítulo 17. A pessoa de Jesus Cristo	439
Capítulo 18. A expiação	468
Capítulo 19. Ressurreição e ascensão	493
Capítulo 20. O Espírito Santo	515

QUINTA PARTE

A DOCTRINA DA APLICAÇÃO DA REDENÇÃO

Capítulo 21. Eleição e reprobção.....	541
Capítulo 22. Regeneração, conversão e chamado eficaz.....	567
Capítulo 23. Justificação (a justa condição legal diante de Deus).....	595
Capítulo 24. Santificação (crescimento na semelhança de Cristo).....	622
Capítulo 25. A perseverança dos santos (a permanência na fé).....	648

SEXTA PARTE

A DOCTRINA DA IGREJA

Capítulo 26. A igreja: natureza, marcas e propósitos.....	673
Capítulo 27. Governo eclesiástico	701
Capítulo 28. Batismo	729
Capítulo 29. A ceia do Senhor.....	759
Capítulo 30. Adoração.....	788

SÉTIMA PARTE

A DOCTRINA DO FUTURO

Capítulo 31. A volta de Cristo e o milênio	815
Capítulo 32. O juízo final e o castigo eterno	836
Capítulo 33. O novo céu e a nova terra.....	861

<i>Glossário</i>	875
<i>Índice remissivo</i>	901

AUTORIZAÇÕES

Uso autorizado pela Oxford University Press

DOCUMENTS of the Christian church. 3. ed. Edição de Henry Bettenson; Chris Mauer (Oxford: OWC, 1999).

ST. ANSELM of Canterbury: major works. Edição de Brian Davies; G. R. Evans (Oxford: OWC, 1998).

Uso autorizado por Baker Academic, uma divisão do Baker Publishing Group

HOLMES, Michael W. *The apostolic fathers* (Grand Rapids: Baker Academic, 1999).

McDONALD, H. D. *The atonement of the death of Christ* (Grand Rapids: Baker Academic, 1985).

PETRY, Ray C., org. *A history of Christianity: readings in the history of the development of doctrine* (Grand Rapids: Baker Academic, 1990). vol. 1: *The early and medieval church*.

Reprodução autorizada por HarperCollins Publishers

KELLY, J. N. D. *Early Christian doctrines*. Ed. rev., ©1960, 1965, 1968, 1978 de John Norman Davidson Kelly.

_____. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã* (São Paulo: Vida Nova, 1994).

Reprodução gentilmente autorizada pelo Continuum International Publishing Group

BARTH, Karl. *Church dogmatics*. Edição de G. W. Bromiley; T. F. Torrance (Edinburgh: T&T Clark, 1936). 13 vols.

TAVARD, George. *Holy writ or holy church: the crisis of the Protestant Reformation* (London: Burns & Oates, 1959).

APRESENTAÇÃO

Este livro é um recurso riquíssimo que mapeia o desenvolvimento de 32 das principais doutrinas, desde a época do Novo Testamento até nossos dias. Cada capítulo apresenta uma história fascinante e difícil de ser escrita, pois mostra como Deus trabalhou na vida dos cristãos ao longo dos séculos, permitindo que uma heresia após outra desafiasse a igreja, levantando mestres e escritores corajosos e sábios para responder com uma nova e mais profunda compreensão das Escrituras aos ensinamentos caracterizados pelo erro, resultando em uma fé ainda mais forte em Deus e em sua Palavra. Portanto, este livro é a história de como o Espírito Santo guiou e protegeu o povo de Deus ao longo de muitos séculos e de como continua a fazê-lo nos dias atuais.

Os cristãos tendem a cometer dois erros quando pensam sobre a história da igreja. O primeiro erro é *desprezá-la* ou considerá-la irrelevante. Essa postura esquece que o Espírito Santo trabalhou na igreja ao longo dos séculos para capacitar “pastores e mestres” (Ef 4.11) que guiassem a igreja e a ensinassem. Gregg Allison faz muitas citações desses mestres capacitados que Deus levantou em todas as gerações e mostra como ainda podemos aprender muito com eles hoje em dia.

O segundo erro é *idolatrar* a história da igreja, ou ao menos alguma parte dela. Conheci cristãos que parecem pensar que muito tempo atrás existiu uma idade de ouro de compreensão doutrinária, e nossa tarefa hoje é simplesmente “voltar” a essa compreensão do passado, como as doutrinas dos pais da igreja ou os antigos credos, ou Agostinho, Lutero, Calvino, os puritanos ou Wesley. Mas essa ideia pode negligenciar o fato de que nossa única fonte de doutrina perfeita é a própria Bíblia, e ninguém na história a compreendeu perfeitamente. Antes, Cristo trabalhou na igreja ao longo dos séculos para “santificá-la”, a fim de que, no final, possa “apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5.26,27). A história que este livro traça é uma história da igreja cristã que aos poucos cresce em entendimento, avançando rumo ao objetivo de que “não sejamos mais inconstantes como crianças, levados ao redor por todo vento de doutrina”, mas “seguinto a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.14,15).

Gregg Allison é um dos teólogos mais sábios, articulados e instruídos da igreja de hoje, e isso se evidencia em todo este livro. Ele também é um homem humilde e piedoso cuja vida é adornada (Tt 2.10) pela doutrina que ele ensina; tenho o privilégio de

ser seu amigo. Sinto-me grato por ele ter escrito este livro para ser usado juntamente com minha *Teologia sistemática* (como um complemento e, às vezes, como uma correção necessária aos meus breves resumos históricos) e tenho certeza de que este livro terá grande utilidade como fonte de consulta independente. Tenho o privilégio de recomendar este livro extraordinário para o fortalecimento da igreja em todo o mundo.

WAYNE GRUDEM, Ph.D.,
professor pesquisador de Teologia e Estudos Bíblicos,
Phoenix Seminary, Phoenix, Arizona, Estados Unidos

PREFÁCIO

A intenção deste livro é servir de complemento à *Teologia sistemática*,¹ de Wayne Grudem. De fato, foi Wayne quem me ligou certo dia com uma proposta e um propósito: escrever um livro que traçasse o desenvolvimento das doutrinas abrangidas por seu livro, para ajudar os cristãos a compreenderem como chegaram às convicções que eles têm hoje em dia. Na época, eu não imaginava o quanto essa tarefa iria me intimidar; em certos momentos, senti-me dominado pelo sentimento de que ninguém deveria ter se encarregado de realizá-la. Agora, passados mais de doze anos, sou grato a Deus (e a Wayne) por poder apresentar este livro. Embora seja um volume complementar, é possível fazer uma leitura independente de minha *Teologia histórica*. Contudo, para alcançar o máximo de benefícios, deve-se lê-la em paralelo com a *Teologia sistemática* de Grudem. Seria útil, por exemplo, ler o capítulo de Grudem sobre a Trindade e em seguida ler o capítulo correspondente neste livro para compreender como essa doutrina se desenvolveu ao longo do tempo.²

À semelhança da *Teologia sistemática* de Grudem, minha *Teologia histórica* não foi escrita para professores de Teologia Histórica nem de História Eclesiástica, mas para estudantes e cristãos que desejam saber como a igreja veio a crer no que crê hoje em dia. Como tal, eu a chamei “Uma introdução ao desenvolvimento das doutrinas cristãs”. Livros inteiros já foram escritos sobre o desenvolvimento de doutrinas como, por exemplo, a inspiração das Escrituras ou a justificação, mas este livro se destina a cristãos que nunca estudaram o assunto. Tentei recontar esse desenvolvimento de modo que facilite a compreensão, evitando o uso de termos técnicos sem antes explicá-los e fornecendo um glossário útil com os nomes de pessoas, escritos e acontecimentos muitas vezes encontrados ao longo deste livro. Espero que a igreja e os evangélicos em especial venham a conhecer os gigantes do passado — Clemente de Roma, Justino Mártir, Ireneu, Agostinho, Tomás de Aquino, Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio, João Calvino, John Wesley, Karl Barth — tanto quanto conhecem Billy Graham, John Piper, J. I. Packer, Chuck Colson, Ravi Zacharias, Tim Keller, Al Mohler e Mark Driscoll.

¹*Teologia sistemática*, tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luiz A. T. Sayão; Eduardo Pereira e Ferreira (São Paulo: Vida Nova, 1999).

²Veja na p. 23 uma tabela de correspondência entre os dois livros: “Lendo as obras mutuamente complementares de Grudem e Allison para o máximo de benefício”.

Enquanto eu escrevia *Teologia histórica*, procurei seguir algumas diretrizes específicas:

1. Apresentar cada doutrina segundo seu desenvolvimento cronológico

Ao contrário da grande maioria dos outros livros de Teologia Histórica e História Eclesiástica, cronologicamente organizada, meu livro tem uma organização temática. Um exemplo da abordagem comum é a obra-prima em cinco volumes de Jaroslav Pelikan: *The Christian tradition: a history of the development of doctrine*.³ Essa compilação se organiza cronologicamente: o primeiro volume abrange o período da igreja primitiva, de 100 até 600 d.C.; o segundo volume abrange o desenvolvimento da ortodoxia oriental, de 600 até 1700; o terceiro volume abrange a igreja medieval, de 600 até 1300; o quarto volume abrange o desenvolvimento da Reforma, de 1300 até 1700; e o quinto volume abrange o período moderno, de 1700 até o presente. Dentro de cada período, são abordadas as várias doutrinas com os respectivos desenvolvimentos. Portanto, para compreender o desenvolvimento de doutrinas como, por exemplo, a inerrância das Escrituras e a pessoa de Jesus Cristo, os leitores precisam procurar esses tópicos nos cinco volumes. Essa abordagem exige um esforço considerável, em primeiro lugar, para identificar onde a doutrina das Escrituras e a doutrina de Cristo se encontram em cada volume e, em segundo lugar, para ler toda a sua abordagem nos cinco volumes.

Minha *Teologia histórica* se organiza do modo oposto: ela primeiro é ordenada tematicamente, depois cronologicamente. Portanto, para compreender a evolução das duas doutrinas do exemplo acima, os leitores simplesmente dirigem-se ao capítulo 5 para traçar o desenvolvimento da inerrância das Escrituras e ao capítulo 17 para traçar o desenvolvimento da doutrina da pessoa de Cristo. Em cada capítulo, o tratamento do tema começa com a igreja primitiva (suas afirmações desde o Novo Testamento até o ano 600), passa à igreja da Idade Média ou período medieval (de 600 até 1500), continua com os avanços da Reforma e pós-Reforma (de 1500 até 1700) e termina com o período moderno (de 1750 até a época atual).⁴ Embora meu livro siga um plano de

³Jaroslav Pelikan, *The Christian tradition: a history of the development of doctrine* (Chicago: University of Chicago, 1971-1991), vol. 1: *The emergence of the Catholic tradition (100-600)*, 1971; vol. 2: *The spirit of eastern Christendom (600-1700)*, 1977; vol. 3: *The growth of Medieval theology (600-1300)*, 1980; vol. 4: *Reformation of church and dogma (1300-1700)*, 1985; vol. 5: *Christian doctrine and modern culture (since 1700)*, 1991, 5 vols. [Jaroslav Pelikan, *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina* (São Paulo: Shedd, 2014-2016), vol. 1: *O surgimento da tradição católica (100-600)*, 2014; vol. 2: *O espírito do cristianismo oriental (600-1700)*, 2014; vol. 3: *O desenvolvimento da teologia medieval (600-1300)*, 2015; vol. 4: *A reforma da igreja e o dogma (1300-1700)*, 2016; vol. 5: *Uma história do desenvolvimento da doutrina (desde 1700)*, 2016, 5 vols.]

⁴Essa divisão da teologia histórica em quatro eras é uma abordagem típica da periodização. As datas não são arbitrárias, mas também não são rígidas. Isto é, nada em especial ocorreu, por exemplo, no ano 600 para marcar o fim da época da igreja primitiva e o início do período medieval. Como Richard Muller explica: “Mesmo que não possamos demarcar rigidamente os limites entre esses períodos, há características identificáveis, por exemplo, da teologia patrística [da igreja primitiva] que não se repetem nos outros períodos da história da igreja. A Reforma trouxe mudanças importantes à vida da igreja e a toda a cultura ocidental, mudanças que ainda hoje nos trazem impacto. E as perspectivas sobre Deus, o homem e o mundo que dominaram o ocidente ao longo da Idade Média e nos períodos da Reforma e

organização atípico, sua abordagem temático-cronológica reúne o desenvolvimento de cada doutrina em um único lugar para facilitar a leitura e a referência.⁵

2. Ouvir as vozes do passado em suas próprias palavras

Seguindo o modelo de Grudem de ampla citação de passagens bíblicas, cito as palavras (na tradução para nossa língua, obviamente) de líderes de igreja, estudiosos da Bíblia e teólogos do passado. Ao contrário das palavras das Escrituras, as deles não são — e nunca alegaram ser — inspiradas por Deus. No entanto, considero importante deixar essas figuras de destaque falarem por si mesmas para que os leitores ouçam essas vozes reverberando através dos séculos. Se for verdade que a teologia histórica produz uma “sensação de estar no passado”, a experiência de entrar em contato com uma realidade vivida no passado,⁶ quero estimular esse sentimento de conexão, e um modo de fazer isso é ouvir as vozes do passado em suas próprias palavras. Portanto, cito suas afirmações e propostas mais significativas. Por uma questão de espaço, situo suas outras afirmações importantes em notas de rodapé; somente quando o espaço foi insuficiente procurei resumir com minhas palavras o que eles escreveram. Eu também documento cuidadosamente os recursos mais acessíveis dos quais se extraem essas citações com o propósito de facilitar ao máximo outros estudos. Sem muito esforço — reunindo um número razoável de livros, utilizando-se de softwares e acessando a internet — os leitores podem se aprofundar, por exemplo, em minha apresentação da interpretação das Escrituras segundo Orígenes ou na teoria da satisfação para estudar a expiação segundo Anselmo, com fácil acesso e referências claras a *First principles* [Tratado sobre os princípios], de Orígenes, e a *Why God became man* [Por que Deus se fez homem], de Anselmo. Mais do que uma análise do desenvolvimento histórico das doutrinas cristãs, este livro também é um bom recurso para leitura e estudo posteriores.

3. Ser moderado ao criticar os desenvolvimentos históricos

Sou protestante e não tenho vergonha de admiti-lo. Além disso, sou evangélico conservador, o que também admito sem vergonha. Enquanto estudava o desenvolvimento das doutrinas, algumas vezes senti que estava refugando diante de interpretações descuidadas das Escrituras feitas pela igreja, de seu apelo ilegítimo a passagens bíblicas e do raciocínio teológico confuso que por vezes a igreja utilizou para defender seu posicionamento doutrinário. Apesar de minha opinião pessoal, tentei me abster de criticar subjetivamente esses passos teológicos errados. O que fiz, em vez disso, foi observar

da pós-Reforma foram profundamente alteradas no Iluminismo do século 18, marcando o início da era “moderna”. Richard A. Muller, *The study of theology: from biblical interpretation to contemporary formulation*, Foundations of Contemporary Interpretation (Grand Rapids: Zondervan, 1991), vol. 7, p. 103.

⁵Pode-se encontrar uma abordagem temático-cronológica semelhante em John D. Hannah, *Our legacy: the history of Christian doctrine* (Colorado Springs: NavPress, 2001).

⁶John F. McCarthy, *The science of historical theology: elements of a definition* (Rome: Propaganda Mariana, 1976), p. 185.

outras vozes da igreja do passado que criticaram esses desenvolvimentos problemáticos. Em alguns casos, essas vozes de correção permaneceram caladas durante séculos; mas, mesmo diante da crítica, a igreja ou algum segmento dela recusava-se a ouvir as expressões corretivas. Veremos essa dinâmica do modo mais claro possível em meu relato do desenvolvimento de doutrinas na igreja medieval (e.g., a autoridade, clareza, suficiência e necessidade das Escrituras) e na crítica reacionária na época da Reforma e pós-Reforma. Lutero, Zuínglio, Calvino, Turretin, Quenstedt e inúmeros outros fizeram seus “protestos” firmes e adequados contra formulações católicas equivocadas nessas áreas, e dou espaço para que suas críticas sejam ouvidas em lugar das minhas.

Faço algo parecido em minha pesquisa das transformações doutrinárias no período moderno, embora às vezes eu exponha (brevemente) minha avaliação pessoal. Essa seção do livro — o período moderno — foi a mais difícil de escrever, porque os últimos séculos se caracterizaram por ataques — às vezes maldosos, muitas vezes baseados em compreensões equivocadas das Escrituras e da sã doutrina, em geral provenientes de uma cosmovisão anticristã — a todas as doutrinas tradicionais que a igreja valorizou desde seu início. Esses ataques foram tão prejudiciais, que eu gostaria de não precisar incluí-los na lista das investidas contra a igreja. Eles deixaram muitas cicatrizes profundas; muitos membros da igreja se desviaram e até mesmo abandonaram a fé em Cristo por causa deles. Embora eu preferisse relatar que a resistência logrou êxito em todos os casos, não foi isso o que aconteceu. Contudo, os cristãos podem ficar seguros de que Deus, por causa de Cristo, sempre levantou, e continua levantando, servos escolhidos para contra-atacar essas forças do mal. Ao retratar o fim de convicções tradicionais da igreja durante o período moderno e ilustrar respostas apologéticas a esses ataques, espero estimular outros a se levantarem para defender a fé contra as críticas atuais.

4. Concentrar-me nos principais desenvolvimentos de cada doutrina

Para oferecer uma teologia histórica concisa e introdutória, concentrei-me nos desenvolvimentos principais de trinta e três doutrinas.⁷ Essa abordagem exigiu que eu limitasse minhas referências aos líderes, estudiosos da Bíblia e teólogos mais significativos que contribuíram para o desenvolvimento dessas doutrinas. Portanto, os leitores observarão a presença das mesmas figuras em muitos capítulos, ou até em todos. Até mesmo entre esses colaboradores importantes, muitas vezes precisei fazer uma seleção difícil, por questão de espaço. Não se deve pensar que essa ênfase signifique que outras figuras de peso, bem como figuras secundárias, tenham feito pouco para ajudar a formular essas doutrinas; de fato, o que acontece é geralmente o contrário disso. Incentivo os leitores a usarem meu livro como um trampolim para uma pesquisa mais profunda, procurando monografias sobre as doutrinas cujo desenvolvimento desejem acompanhar com mais detalhes.

⁷Considero meu primeiro capítulo: “Introdução à teologia histórica”, um desses temas, a exemplo de Grudem, que tem um capítulo chamado “Introdução à teologia sistemática”.

A seleção dos tópicos que seriam incluídos também fez parte da composição deste livro. Eu trato de trinta e três doutrinas que correspondem a quarenta e três (de cinquenta e cinco) capítulos da *Teologia sistemática* de Grudem. Às vezes, reuni vários de seus capítulos em um só (por exemplo, seus três capítulos sobre os atributos incomunicáveis e comunicáveis de Deus tornaram-se um capítulo em meu livro). Por uma questão de espaço, não tratei de algumas doutrinas que ele aborda.⁸ Em um caso, eu até incluí um tema — a interpretação das Escrituras — do qual ele não trata.⁹

Essa seleção de dados, a concentração em figuras principais e até a escolha das doutrinas incluídas serão criticadas por algumas pessoas. Que esses leitores não tenham dúvida de que me afligi por ser obrigado a fazer essas difíceis escolhas. Decidir entre Ireneu e Tertuliano para ilustrar a regra de fé da igreja primitiva; escolher entre vários textos de Agostinho para apresentar suas doutrinas do pecado e da graça; concentrar-me muito mais nos reformadores (Lutero, Zuínglio, Calvino) do que em seus sucessores, os pós-reformadores (Quenstedt, Turretin); e optar por uma análise da reconstrução que Schleiermacher faz da doutrina cristã, em vez da análise empreendida por outras figuras liberais da modernidade — ponderei cada escolha e mudei de ideia algumas vezes. Em muitos casos, optei por incluir líderes eclesiásticos, estudiosos da Bíblia e teólogos cujas obras são mais acessíveis ao público geral (tanto em relação à disponibilidade de recursos como em relação à clareza do texto), para facilitar a leitura e o estudo posteriores. No fim, é com humildade que defendo minhas escolhas e reconheço que outras soluções igualmente importantes poderiam ter sido apresentadas.¹⁰ Essa seletividade significa que, embora eu conte a história do desenvolvimento histórico das doutrinas cristãs, esse relato é apenas parcial. No entanto, espero e acredito que meu relato seja suficiente para a introdução que este livro se propõe a ser.

5. Enfocar o desenvolvimento das doutrinas evangélicas

Enquanto delinheio os amplos contornos do desenvolvimento das doutrinas cristãs, concentro-me na evolução dessas doutrinas dentro do evangelicalismo, segundo a

⁸Todas essas doutrinas são importantes e merecem ser estudadas, mas eu não tinha espaço para incluí-las. Veja a correspondência entre os capítulos da *Teologia sistemática* de Grudem e minha *Teologia histórica* na p. 23: “Lendo as obras mutuamente complementares de Grudem e Allison para o máximo de benefício”.

⁹Em uma conversa com Wayne em que lhe perguntei o que ele mudaria se reestruturasse sua *Teologia sistemática*, ele respondeu que acrescentaria um capítulo sobre a interpretação das Escrituras. De fato, ele observou que, quando leciona o curso básico de teologia no Phoenix Seminary, inclui uma seção sobre a interpretação bíblica. Por causa de meu interesse na doutrina das Escrituras e devido à sua importância contínua para a igreja, incluí um capítulo sobre o desenvolvimento histórico da interpretação das Escrituras feita pela igreja.

¹⁰Concordo plenamente com Geoffrey Bromiley: “Escrever uma teologia histórica envolve riscos e significa uma série de decisões sobre objetivo, método, tema e abordagem, decisões que, em certo sentido, são arbitrárias e todas discutíveis. Então, o autor, na melhor das hipóteses, não fará justiça nem ao assunto, nem à intenção do autor, nem à expectativa dos leitores”. Geoffrey W. Bromiley, *Historical theology: an introduction* (Edinburgh: T&T Clark, 1978), p. xxi.

forma que elas assumem na América do Norte. O termo *evangélico* passou a se referir a várias coisas.¹¹ Em um sentido, *evangélico* se refere às igrejas luteranas que emergiram da Reforma. O termo foca a centralidade do evangelho (gr., εὐαγγέλιον, *euangelion*) e tem uma ênfase correspondente nas Escrituras como expressão normativa do evangelho para essas igrejas. Em segundo lugar, *evangélico* se refere a movimentos de avivamento no século 18, associados com John Wesley na Grã-Bretanha; Jonathan Edwards nas colônias do nordeste dos Estados Unidos; George Whitefield, que atuou nessas duas áreas geográficas; e os pietistas alemães. Todos esses movimentos enfatizavam a conversão, a espiritualidade, a evangelização e a reforma social. Nos Estados Unidos, o Grande Avivamento gerou uma tradição avivamentista que se manifestou no Segundo Grande Avivamento (com Charles Finney), no Terceiro Grande Avivamento (com Dwight Moody), em Billy Graham e em outros. No terceiro sentido, *evangélico* é um termo geral que se refere aos protestantes teologicamente conservadores de qualquer denominação que compartilhem um conjunto de compromissos. Esta é a essência desses compromissos: (1) uma postura de respeito à Bíblia (sua inspiração, inerrância, clareza, suficiência, necessidade e autoridade); (2) salvação apenas pela graça, por meio da fé em Cristo somente, do modo pelo qual essa salvação é comunicada por meio do evangelho e efetivada pelo Espírito Santo; (3) santidade de vida; e (4) envolvimento social de algum tipo, seja promovendo a cultura da vida em vez da cultura da morte (aborto, eutanásia, infanticídio), seja pelo envolvimento em questões políticas. *Evangélico*, em quarto lugar, refere-se ao movimento que nasceu do fundamentalismo, por volta da metade do século 20, e que se caracteriza por uma rede de seminários teológicos (e.g., Trinity Evangelical Divinity School, Gordon-Conwell Theological Seminary), por publicações (e.g., *Christianity Today*), agências (e.g., Billy Graham Evangelistic Association, Visão Mundial) e associações (e.g., National Association of Evangelicals, Evangelical Theological Society) evangélicas e sociais. Por último e mais recentemente, *evangélico* se refere a um etos que se caracteriza “tanto por fatores sociais e culturais quanto por fatores teológicos e históricos. De fato, é com razão que se argumenta que os fatores sociais e culturais são os principais elementos que moldam a atividade evangélica atual — uma questão que está gerando sérias preocupações hoje em dia”.¹²

Neste livro, o termo *evangélico* combina o terceiro e o quarto sentidos da lista acima: ele se refere aos protestantes teologicamente conservadores que respeitam

¹¹Grande parte da análise a seguir é uma adaptação de Mark Noll; David Wells, orgs., *Christian faith and practice in the modern world: theology from an evangelical point of view* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986). Para uma análise mais detalhada, veja o diálogo entre George M. Marsden e Donald W. Dayton em *Christian Scholar's Review* 23, n. 1 (1993). Para uma análise do evangelicalismo na Grã-Bretanha, veja David W. Bebbington, *Evangelicals in modern Britain: a history from the 1730s to the 1980s* (London: Unwin, 2008).

¹²D. H. Williams, *Retrieving the tradition and renewing evangelicalism: a primer for suspicious Protestants* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 4.

certos compromissos doutrinários¹³, que se encontram em muitas e diferentes igrejas e denominações (batistas, presbiterianas, reformadas, luteranas, metodistas, episcopais, congregacionais, cristãs, dos Irmãos, independentes, pentecostais, bíblicas, Holiness, além de interdenominacionais e não denominacionais). Embora reconheça o crescimento extraordinário de igrejas em todo o mundo devido a um amplo trabalho missionário evangélico, este livro se concentra especificamente em cristãos e igrejas da América do Norte. Uma consequência dessa decisão é que o desenvolvimento que se reconta aqui é principalmente o desenvolvimento da teologia da igreja ocidental — a Igreja Católica Romana e as igrejas protestantes — e não o desenvolvimento da ortodoxia oriental. Outra consequência dessa escolha é que o livro se concentra nos desenvolvimentos teológicos da Europa e América do Norte.

6. Identificar na igreja a “necessidade urgente de uma compreensão muito maior da doutrina cristã”

Essa é uma das características claras da *Teologia sistemática*¹⁴ de Grudem. Concordo plenamente com ela; portanto, esse é um de meus princípios fundamentais. Um modo de satisfazer essa necessidade urgente é fornecendo teologias sistemáticas compreensíveis e acessíveis como a de Grudem. Outro modo é fornecendo teologias históricas compreensíveis e acessíveis como a que apresento aqui. À medida que cristãos e suas igrejas forem apresentados ao desenvolvimento das doutrinas e conseguirem traçar o desenvolvimento de suas convicções, começando com a igreja primitiva, passando ao período medieval, depois à época da Reforma e pós-Reforma e finalmente ao longo do período moderno até os dias de hoje, eles “sentirão que a compreensão (e a vivência) das doutrinas das Escrituras é uma de suas maiores alegrias”.¹⁵

¹³Um exemplo desses elementos doutrinários comuns é a confissão de fé da National Association of Evangelicals [Associação Nacional de Evangélicos]: “Cremos que a Bíblia é inspirada, a única Palavra de Deus infalível e fonte de autoridade. Cremos que há um único Deus, que existe eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Cremos na divindade de nosso Senhor Jesus Cristo, em seu nascimento virginal, em sua vida sem pecado, em seus milagres, em sua morte vicária e expiatória por meio de seu sangue derramado, em sua ressurreição corporal, em sua ascensão à destra do Pai e em sua volta poderosa em poder e glória. Cremos que para a salvação de pessoas perdidas e pecaminosas, a regeneração pelo Espírito Santo é plenamente essencial. Cremos no ministério atual do Espírito Santo, cuja habitação capacita o cristão a viver uma vida piedosa. Cremos na ressurreição tanto do salvo como do perdido; os salvos para a ressurreição da vida, e os perdidos para a ressurreição da condenação. Cremos na unidade espiritual dos cristãos em nosso Senhor Jesus Cristo”.

¹⁴Wayne Grudem, *Teologia sistemática*, p. xviii.

¹⁵Ibidem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a muitas pessoas que me ajudaram a escrever este livro. Em primeiro lugar, Wayne Grudem se arriscou quando pediu a mim, teólogo sistemático graduado havia pouco tempo e sem nenhuma experiência de publicação, que escrevesse um livro de teologia histórica que abrangesse tudo o que ele não havia incluído em sua *Teologia sistemática*. Ele tomou a iniciativa de fazer a proposta à Zondervan e insistiu com os editores para que me concedessem a oportunidade de concretizá-la. Wayne também me incentivou durante muitos anos para que eu perseverasse em minha tarefa. Sou muito grato a ele por sua amizade.

A Zondervan foi muito mais paciente comigo do que eu jamais poderia ter esperado, e certamente muito mais do que mereço. Talvez percebendo a imensidão desse projeto, nenhum editor me apressou sequer uma vez durante o longo processo. Até mesmo quando entreguei o maior rascunho inacabado que a Zondervan já havia recebido, ninguém riu nem me repreendeu. Antes, fizeram a sugestão calma e simples de que eu reconsiderasse o tamanho do rascunho para limitar o livro a um volume. Gostaria de agradecer especialmente a Jim Ruark, David Frees e Laura Weller, meus editores, por me tolerarem de um modo tão gentil, gracioso e paciente.

A maior parte deste livro foi escrita durante três períodos sabáticos. Por esses três períodos de pesquisa e redação, gostaria de agradecer à junta de diretores e à administração de dois seminários: o Western Seminary, em Portland, Oregon, que me concedeu uma licença no outono de 2000, e o The Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, Kentucky, que me concedeu uma licença durante a primavera de 2006 e outra no outono de 2009. O acesso às bibliotecas dos dois seminários também desempenhou um papel importante na coleta dos muitos recursos que usei para escrever este livro, de modo que estendo meus agradecimentos aos bibliotecários e seus assistentes nas duas escolas. Agradeço em particular a Karen Arvin, Matthew Barrett e Hannah Wymer.

Muitos alunos desempenharam um papel importantíssimo na pesquisa e edição deste livro ao se inscreverem nos meus cursos de teologia histórica no Western Seminary e no Southern Seminary. Os participantes em CHS 650/550 no Western Seminary foram os alunos de pós-graduação Th. M. Clint Heacock e Jason Johansen e M. Div. ou M. A. Nate Baxter, Marc Cortez, Grant Goins, Nate Gustafson, Danny Jenkins, Sandra Jenkins e Jeff Morgan. Os participantes em CHS 652/552 no Western Seminary

foram os alunos de pós-graduação Th. M. Carmen Bryant, Bernard Maurer, Jeff Olson e Molly Whitcomb e M. Div. ou M. A. Todd Arnett, Kurt Gross, David Haigh, Brad Hayen, Troy Hickse e Will Silmon. Esses alunos se envolveram nos estágios iniciais do desenvolvimento deste livro e contribuíram com a pesquisa e uma extensa redação para os primeiros rascunhos de alguns capítulos. Os participantes do curso 27885 do Southern Seminary foram Joel Amunrud, Dave Campbell, Lenny Cheng, Bradley Cochran, Charles Davis, Patrick Gordon, Brian Hubert, Chuck Joiner, Joo Jung, Woosup Kim, Rony Kozman, Kudol Lee, Bryan Lilly, John Lopes, Joshua Nelson, Christopher Newkirk, Eron Plevan, Brian Preston, Dave Richards, Isaac Sumner e Eric Williamson. Esses alunos participaram do estágio final do rascunho inacabado do livro, revisando o texto em relação à ortografia, erros gramaticais, falta de clareza e conteúdo, além de verificar a exatidão de todas as notas de rodapé. Meus agradecimentos a cada aluno pelo trabalho árduo, meticuloso e demorado, e pela gentileza paciente que sempre demonstraram em relação a mim. Os bolsistas de pós-graduação e Garret Fellows¹ ainda não mencionados, mas que me ajudaram na pesquisa e correção dos trabalhos foram Chris Bosson, Micah Carter, Ryan Lister, John McKinley, Aaron O’Kelley, Gary Schultz, Michael Wren, Kenneth Reid e Christopher Clemans.

Vários colegas me forneceram sugestões para algumas partes deste livro. Por sua ajuda, eu gostaria de agradecer a Gerry Breshears, Bob Krupp e Randy Roberts, do Western Seminary, e Chad Brand, Michael Haykin, Tom Nettles, David Puckett, Mark Seifrid, Kevin Smith, Bruce Ware, Steve Wellum, Greg Wills, Shawn Wright e Bob Vogel, do Southern Seminary. Também agradeço especialmente a Tom Nettles e John Woodbridge por seus cursos fundamentais de história da igreja e teologia histórica.

Muitos livros revelaram-se recursos valiosos e encontram-se na bibliografia. É necessário fazer menção especial de uma obra de referência para o desenvolvimento das doutrinas cristãs na igreja primitiva: David W. Bercot, ed., *A Dictionary of early Christian beliefs: a reference guide to more than 700 topics discussed by the early church fathers* [Um dicionário sobre as primeiras crenças cristãs: um guia de referência para mais de 700 tópicos discutidos pelos pais da igreja primitiva] (Peabody: Hendrickson, 1998).

Acima de tudo, gostaria de agradecer à minha família por seu amor, apoio e orações. Nora, minha esposa, impulsionou a execução desta obra por meio de suas palavras de incentivo, por seu exemplo pessoal de dedicação e sacrifício por nossa família e por mim. Também agradeço a ela por ter composto o índice remissivo deste livro, um trabalho desafiador. Nossos três filhos, Lauren, Hanell e Luke, que cresceram com o pai trabalhando neste projeto demorado, estão felizes e gratos por ele estar finalmente concluído! É com alegria que lhes dedico este livro.

¹Garrett Fellows são alunos de doutorado que auxiliam determinado professor nas tarefas administrativas, bem como na correção de trabalhos e atribuição de notas. (N. do E.)

LENDO AS OBRAS MUTUAMENTE COMPLEMENTARES DE GRUDEM E ALLISON PARA O MÁXIMO DE BENEFÍCIO

<i>Teologia sistemática, de Grudem</i> CAPÍTULO(S)	<i>Teologia histórica, de Allison</i> CAPÍTULO
1	1
2	3
3	2
4	4
5	5
6	6
7, 8	7
X	8*
9, 10	9
11, 12, 13	10
14	11
15	12
16	13
17	X
18	X
19, 20	14
21, 22, ** 23	15
24	16
25	X
26	17

*Incluí um capítulo sobre a história da interpretação das Escrituras, que Grudem não aborda.

**Não trato da história do homem como macho e fêmea.

27	18
28	19
29	X
30	20
31	X
32	21
33, 34, 35	22
36	23
37	X
38	24
39	20***
40	25
41	X
42	X
43	X
44, 45, 46	26
47	27
48	X
49	28
50	29
51	30
52	X
53	X
54, 55	31
56	32
57	33

***Trato da história do debate a respeito do batismo no Espírito Santo e do enchimento do Espírito em conjunto com a obra do Espírito Santo no capítulo 20; por isso ele aparece duas vezes nesta lista.

REDUÇÕES DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANF *Ante-Nicene fathers*. Edição de Alexander Roberts; James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace (Peabody: Hendrickson, 1994). 10 vols.
- Anselm *Anselm of Canterbury: the major works*. Edição de Brian Davies; G. R. Evans (Oxford/New York: Oxford University, 1998).
- Bettenson *Documents of the Christian church*. 3. ed. Edição de Henry Bettenson; Chris Maunder (Oxford: Oxford University Press, 1999) [edição em português: *Documentos da igreja cristã*, tradução de Helmuth Alfredo Simon (São Paulo: ASTE, 1983)].
- BSac *Bibliotheca sacra*
- CD BARTH, Karl, *Church dogmatics*. Edição de G. W. Bromiley; T. F. Torrance (Edinburgh: T&T Clark, 1936). 13 vols.
- Heppe HEPPE, Heinrich. *Reformed dogmatics*. Tradução para o inglês de G. T. Thomson. Organização de Ernst Bizer (London: Allen and Unwin, 1950).
- Holmes HOLMES, Michael W. *The apostolic fathers: Greek texts and English translations* (Grand Rapids: Baker, 1999).
- JBR *Journal of Bible and Religion*
- JETS *Journal of the Evangelical Theological Society*
- Kelly KELLY, J. N. D. *Early Christian doctrines*. Ed. rev. (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1978) [edição em português: *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã* (São Paulo: Vida Nova, 1994)].
- LCC Library of Christian classics (Philadelphia: Westminster, 1960). 26 vols. Diversos volumes.

- LCC 1 CALVIN, John. *Institutes of the Christian religion*. Tradução para o inglês de Ford Lewis Battles. Edição de John T. McNeill (Philadelphia: Westminster, 1960) [edições em português: João Calvino. *As institutas*. Tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006). 4 vols. *A instituição da religião cristã*. Tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)]. In: BAILLIE, John; McNEILL, John T.; VAN DUSEN, Henry P., orgs. *Library of Christian Classics* (Philadelphia: Westminster, 1960). vol. 20, 26 vols.
- LCC 2 CALVIN, John. *Institutes of the Christian religion*. Tradução para o inglês de Ford Lewis Battles. Edição de John T. McNeill (Philadelphia: Westminster, 1960) [edições em português: João Calvino. *As institutas*. Tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006). 4 vols. *A instituição da religião cristã*. Tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)]. In: BAILLIE, John; McNEILL, John T.; VAN DUSEN, Henry P., orgs. ger., *Library of Christian Classics* (Philadelphia: Westminster, 1960). vol. 21, 26 vols.
- Lumpkin LUMPKIN, William L. *Baptist confessions of faith*. Ed. rev. (Valley Forge: Judson, 1969).
- LW LUTHER, Martin [Martinho Lutero]. *Luther's works*. Edição de Jaroslav Pelikan; Hilton C. Oswald; Helmut T. Lehmann (St. Louis: Concordia, 1955-1986). 55 vols.
- Mansi MANSI, Joannes Dominicus. *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*. Ed. rev. (Lyons: Petit and Martin, 1899-1927). 31 vols.
- NPNF¹ *Nicene and post-Nicene fathers*. Edição de Alexander Roberts; James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace, 1. ser. (Peabody: Hendrickson, 1994). 14 vols.
- NPNF² *Nicene and post-Nicene fathers*. Edição de Alexander Roberts; James Donaldson; Philip Schaff; Henry Wace, 2. ser. (Peabody: Hendrickson, 1994). 14 vols.
- Pelikan PELIKAN, Jaroslav. *The Christian tradition: a history of the development of doctrine* (Chicago/London: University of Chicago, 1971-1991). 5 vols. [edições em português: Jaroslav Pelikan. *A tradição cristã*. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha (São Paulo: Shedd, 2014-2016). 5 vols.]
- Petry *A history of Christianity: readings in the history of the church*. Organização de Ray C. Petry (Grand Rapids: Baker, 1990). vol. 1: *The early and medieval church*.

- PG *Patrologiae cursus completus: series graeca*. Organização de J.-P. Migne (Paris: 1857-1886). 165 vols.
- PL *Patrologiae cursus completus: series latina*. Organização de J.-P. Migne (Paris: 1844-1864). 221 vols.
- Preus PREUS, Robert D. *The theology of Post-Reformation Lutheranism: a study of theological prolegomena* (St. Louis: Concordia, 1970).
- Schaff SCHAFF, Philip. *Creeds of Christendom* (New York: Harper, 1877-1905). 3 vols.
- Schmid SCHMID, Heinrich. *The doctrinal theology of the Evangelical Lutheran church*. Tradução para o inglês de Charles A. Hay; Henry E. Jacobs (Minneapolis: Augsburg, 1899).
- SJT *Scottish Journal of Theology*
- Summa contra gentiles* AQUINAS, Thomas [Tomás de Aquino]. *Summa contra gentiles*, 1.3. Ed. online. *An annotated translation (with some abridgement) of the Summa contra gentiles of Saint Thomas Aquinas*. Tradução para o inglês de Joseph Rickaby (The Catholic Primer, 2005).
- Summa theologica* AQUINAS, Thomas [Tomás de Aquino]. *Summa theologica*. Tradução para o inglês por um grupo de frades dominicanos anônimos intitulado Fathers of the English Dominican Province (Cincinnati: Printers to the Holy Apostolic See, 1914) [edição em português: *Suma teológica* (São Paulo: Loyola, 2001), 9 vols.].
- Tavard TAVARD, George H. *Holy writ or holy church: the crisis of the Protestant Reformation* (London: Burns & Oates, 1959).
- WLS LUTHER, Martin [Martinho Lutero]. *What Luther says*. Organização de Ewald M. Plass (St. Louis: Concordia, 1959). 3 vols.
- WTJ *Westminster Theological Journal*

Capítulo 1

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA HISTÓRICA

O que é teologia histórica? Que benefícios ela traz?
Como devemos estudá-la?

A teologia histórica é o estudo da interpretação das Escrituras e da formulação das doutrinas realizada pela igreja nos tempos passados.¹ Esse foco na sabedoria acumulada ao longo dos séculos traz um benefício enorme para os cristãos e igrejas de hoje que procuram viver para Jesus Cristo em fidelidade e obediência. Kenneth Kantzer, um dos fundadores do evangelicalismo moderno, ressaltou o alto valor da teologia histórica ou tradição da igreja: “Embora não seja infalível, é necessário reconhecê-la como a orientação de Deus para o seu povo, de acordo com a promessa que fez à igreja de todas as épocas”.² Ao mesmo tempo, a tradição da igreja sempre precisa se referir às Escrituras;

¹Jaroslav Pelikan, trabalhando com base na Fórmula de Concórdia, definiu a teologia histórica como o estudo do que a igreja “crê, ensina e confessa enquanto ora e sofre, serve e obedece, celebra e aguarda a vinda do Reino de Deus”. Jaroslav Pelikan, *Development of Christian doctrine: some historical prolegomena* (New Haven: Yale University Press, 1969), p. 143.

²Kenneth S. Kantzer, “A systematic biblical dogmatics: what is it and how is it to be done?” in: John D. Woodbridge; Thomas Edward McComiskey, orgs., *Doing theology in today's world: essays in honor of Kenneth S. Kantzer* (Grand Rapids: Zondervan, 1991), p. 466. Kantzer, assim como muitos outros, distingue dois sentidos de tradição: da igreja a Tradição (com T maiúsculo), de uma perspectiva da teologia católico-romana, refere-se a um dos aspectos da revelação divina. Ela consiste nos ensinamentos que Jesus transmitiu oralmente a seus discípulos, mas que não foram registrados por escrito e os apóstolos transmitiram oralmente a seus sucessores, os bispos. Essa Tradição viva continua na igreja de hoje e, em algumas ocasiões, foi proclamada como doutrina católico-romana oficial. Para citar um caso específico, o papa Pio IX promulgou o dogma da imaculada concepção de Maria em sua bula *Ineffabilis Deus* (8 de dezembro de 1854), e o papa Pio XII promulgou o dogma da assunção corporal de Maria em sua bula *Munificentissimus Deus* (1.º de novembro de 1950). O resultado desse conceito de revelação divina é que “a igreja não deriva exclusivamente das Escrituras sua certeza sobre todas as verdades reveladas. Logo, tanto as Escrituras como a Tradição precisam ser honradas e aceitas com sentimentos iguais de devoção e reverência”. *Dogmatic constitution on divine revelation* (Vaticano II, *Dei Verbum*, 18 de novembro de 1965), p. 9. A tradição da igreja (com “t” minúsculo) é o acúmulo de conhecimentos adquiridos pela igreja no passado no que diz respeito à interpretação das Escrituras e à formulação das doutrinas. Essa tradição não faz parte da revelação divina no sentido católico-romano, mas é de grande ajuda para as igrejas evangélicas atuais, conforme defendo neste capítulo.

logo, a teologia histórica precisa ser aprovada ou purificada pela Palavra de Deus. Conforme J. I. Packer, outro evangélico proeminente, expressa: “As Escrituras precisam ter a palavra final em todas as tentativas humanas de expressar seu significado, e a tradição, vista como uma série dessas tentativas humanas, tem uma função ministerial, e não magisterial”.³ Ao determinar doutrina e prática, a função magisterial, ou de autoridade, cabe única e exclusivamente às Escrituras. A função ministerial ou auxiliar que se concede à teologia histórica significa que ela serve à igreja de muitos modos.

Um dos benefícios que a teologia histórica oferece hoje à igreja é ajudá-la a *fazer distinção entre ortodoxia e heresia*. O termo *ortodoxia* se refere ao que o Novo Testamento chama de “sã doutrina” (1Tm 1.10; 2Tm 4.3; Tt 1.9; 2.1), aquilo que reflete correta e resumidamente todo o ensino das Escrituras, ensino em que a igreja deve crer e ao qual deve obedecer.⁴ A *heresia*, desse modo, é qualquer coisa que contradiga a sã doutrina. É uma convicção falsa que interpreta as Escrituras erroneamente ou que ignora parte do ensino das Escrituras ou que reúne de modo incorreto todo o ensino das Escrituras. A igreja deve evitar a heresia e tentar corrigir seus erros (e.g., Tt 1.9). Em outras palavras, a teologia histórica ajuda a igreja a reconhecer a sã doutrina e a distinguir a doutrina falsa porque, de modo geral, “aquela fé na qual se tem crido em todos os lugares, sempre e por todos”⁵ — isto é, aquilo em que a igreja historicamente creu e defendeu como sua doutrina — corresponde à ortodoxia, e tudo o que a igreja tradicionalmente rejeitou corresponde à heresia. Por exemplo, a igreja primitiva condenou como heresia a noção de que a Palavra de Deus que se encarnou como Jesus Cristo (Jo 1.1,14) era um ser criado e, portanto, não era eterno, mas teve um início no tempo. De acordo com todo o ensino das Escrituras, a igreja sempre creu que o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, era, é e sempre será plenamente Deus, igual em todos os aspectos ao Pai e ao Espírito Santo.⁶ Um estudo da teologia histórica que relate com detalhes o desenvolvimento da doutrina ajuda a igreja de hoje a identificar e aceitar a ortodoxia e a rejeitar e corrigir a heresia.⁷

³J. I. Packer, “The comfort of conservatism” in: M. S. Horton, org., *Power religion: the selling out of the evangelical church?* (Chicago: Moody, 1992), p. 288. Alister McGrath concorda: “A tradição deve ser honrada quando se pode provar que é possível justificá-la, e rejeitada, quando não. Essa avaliação crítica da tradição era um elemento fundamental da Reforma e baseava-se na convicção de que a tradição, em última instância, se trata da interpretação das Escrituras — uma interpretação que precisava ser justificada com base nessa mesma fonte de autoridade”. Alister E. McGrath, “The importance of tradition for modern evangelicalism” in: Donald Lewis; Alister E. McGrath, orgs., *Doing theology for the people of God* (Downers Grove: InterVarsity, 1996), p. 160.

⁴De acordo com Packer: “A palavra [ortodoxia] expressa a ideia de que certas afirmações englobam corretamente o conteúdo da verdade revelada do cristianismo e, portanto, por natureza, são normativas para a igreja universal”. J. I. Packer, “Orthodoxy” in: Walter A. Elwell, org., *Evangelical dictionary of theology*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker, 2001), p. 875.

⁵Vincent de Lerins, *Commonitory*, 2.6 in: *NPNF*², 11:132.

⁶Veja uma análise mais detalhada no cap. 17.

⁷Aliás, conforme D. H. Williams deixa claro em relação à teologia histórica, especificamente da igreja primitiva: “Se o objetivo do evangelicalismo de hoje é ser doutrinariamente ortodoxo e

Um excelente recurso para entender o desenvolvimento da teologia cristã nos últimos 2.000 anos

Em *Teologia histórica*, Gregg Allison oferece a oportunidade de estudar o desenvolvimento histórico da teologia, seguindo uma organização tópico-cronológica e apresentando um elemento teológico por vez na história da doutrina cristã. Essa abordagem permite que os leitores se concentrem em apenas um princípio do cristianismo de cada vez, acompanhado de sua formulação na igreja primitiva, na Idade Média, na Reforma, na era pós-Reforma e no período moderno.


O livro também inclui um conjunto de fontes primárias, com citações de Cipriano, Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino, Barth e outros. Allison faz referência às edições mais acessíveis da obra desses teólogos notáveis para que os leitores possam continuar seu estudo da teologia histórica com aqueles que contribuíram de forma muito significativa para a história cristã.


Sinto-me grato por Allison ter escrito este livro para ser usado juntamente com minha *Teologia sistemática* (publicada por Vida Nova) tenho certeza de que este livro terá grande utilidade como fonte de consulta independente. Tenho o privilégio de recomendar este livro extraordinário para o fortalecimento da igreja em todo o mundo.

WAYNE GRUDEM

DR. GREGG R. ALLISON (PhD, Trinity Evangelical Divinity School) é professor no Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, Kentucky, onde leciona Teologia Sistemática. Lecionou Teologia e História da Igreja por nove anos no Western Seminary, em Portland, Oregon. Foi também professor adjunto da Trinity Evangelical Divinity School, da Elgin Community College, da Judson College, do Institute of Biblical Studies in Western Europe and the United States e do Re:Train. É pastor da igreja Sojourn Community Church e estrategista teológico da Sojourn Network, rede de plantação de igrejas composta por aproximadamente 30 igrejas locais. É autor de *Teologia e prática da Igreja Católica Romana: uma avaliação evangélica* (Vida Nova).


VIDA NOVA

 vidanova.com.br

 [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)

 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN 978-85-275-0756-1



9 788527 150756 1